

Negritude(s) em cena: corporeidades e resistências nos poemas de Solano Trindade

Blackness(es) in scene: corporeality and resistances in Solano Trindade's poems

Vanessa Riambau Pinheiro*
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Paulo de Freitas Gomes*
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

263

RESUMO: O presente trabalho expõe uma discussão, a partir da poética de Solano Trindade, autor afro-brasileiro, sobre Negritude e os aspectos estruturais que implicam nos dispositivos de resistências. Nesta perspectiva trabalharemos o corpo negro enquanto materialidade discursiva e a afetividade, especificamente, a ausência do afeto no cotidiano de idosos(as) negros(as) do Brasil. Tomaremos para análise alguns poemas que trazem em sua estrutura esses aspectos, a exemplo do poema “Mulata”, “Amar é uma constante em mim” e “Eu preciso muito amar”, etc. Nosso objetivo é discutir sobre as marcas de representação do corpo negro e as formas de subalternização que a ele, na atualidade, são incutidas. A abordagem realizada concentra-se numa metodologia bibliográfica, com ponderações de Bernd (1988), Hashiguti (2017), Deleuze e Guattari (2004), entre outros autores que dão ênfase às nossas leituras.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude. Corpo. Afetividade.

ABSTRACT: This present work exhibits a discussion, coming from the poetics of Brazilian author Solano Trindade, on Blackness and the structural aspects which bring about the devices of resistances. From this perspective, we shall work on the black body as a discursive

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande Sul(UFRGS).

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

materiality and on affectivity, more specifically the absence of affection in the daily life of the black elderly in Brazil. We shall analyze a few poems which bring up those aspects in their structure, such as “Mulata” (Mulatta), “Amar é uma constante em mim” (Loving is a constant within me), and “Eupreciso muito amar” (I really need to love) etc. Our objective is to discuss the manners of representation of the black body and the ways of subalternation which are, nowadays, instilled on them. The chosen approach focuses on a bibliographic methodology, with ponderations by Bernd (1988), Hashiguti (2017), Deleuze & Guattari (2004), among other authors who emphasize our readings.

KEYWORDS: Blackness. Body. Affectivity.

1. O Poeta Sob O Signo Da Negritude

A produção poética brasileira conta com vários poetas afrodescendentes que foram invisibilizados pela crítica. Dentre estes, merece nosso destaque o pernambucano Solano Trindade (1908 -1974): cineasta, pintor, ativista, o poeta traz em sua produção artística a valorização da estética negra e da cultura afro-brasileira. Influenciado pelos novos ares que o movimento da Negritude¹ trouxe na primeira metade do século XX, o poeta amplia o significado do termo, trazendo-o para o contexto brasileiro, à exemplo de alguns antecessores que questionaram a escravidão e o racismo, como Luís Gama e Cruz e Sousa.

264

Surgido inicialmente com o propósito de rejeitar o processo de alienação etnocêntrica, os propagadores da Negritude passaram a resgatar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana a fim de libertarem-se dos estereótipos e preconceitos disseminados contra o negro no imaginário social. De acordo com o filósofo Achille Mbembe (2014, p. 179):

¹ A Negritude, em sua fase moderna mais conhecida, é liderada por Aimé Césaire e Leopoldo Sédar Senghor, mas tem seus antecedentes seculares como Chico-Rei, Toussaint L' Ouverture, Luís Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Lima Barreto, Yomo Deniata, Lumumba, Sekou Touré, Nkrumah e muitos outros. Trata-se da assunção do negro ao protagonismo histórico, uma ótica e uma sensibilidade conforme uma situação existencial, e cujas raízes mergulham no chão histórico-cultural. (NASCIMENTO, 1968. p. 50)

O discurso da Negritude aspira a ser um discurso da diferença, um discurso da comunidade como diferença. A diferença era entendida como um meio de reaver a comunidade, na medida em que se considerava que a mesma tinha sido objecto de uma perda.

As diferenças culturais, físicas e sociais entre negros e brancos foram então ostensivamente reforçadas pelos protagonistas do movimento. Neste sentido, a afirmação identitária dos negros oriundos da Negritude foi construída sob o signo da diferença em relação à cultura branca, bem como a valorização dos aspectos concernentes a própria cultura.

A Negritude, entretanto, alcança dimensões mais amplas. De acordo com Domingues (2005, p. 26), a corrente manifesta-se em diversas esferas. No terreno político, atua como subsídio para a ação do movimento negro organizado; no ideológico, pode ser entendida como processo de aquisição da consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a valorização de toda manifestação cultural de matriz africana.

Nesta perspectiva, a palavra “Negritude” será referenciada tanto como movimento social organizado pela comunidade negra como também será enfatizada enquanto atributos inerentes a esta população, a exemplo de cor, vestimenta, musicalidade, religiosidade, etc. Sobretudo o que nos infere à ideia de consciência, ou seja, de entender-se negro no contexto brasileiro.

Em meio aos vários significados que dão notoriedade à “Negritude”, mediante suas pesquisas relacionadas a temas políticos, sociais e críticos-literários, a autora Zilá Bernd menciona:

Em um sentido lato, negritude - com n minúsculo - é utilizada para referir à tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a conseqüente relação pela busca de uma identidade negra. Nesta medida, podemos dizer que houve negritude desde que os primeiros escravos se rebelaram e deram início aos movimentos conhecidos por marronnage, no Caribe, cimarronage, na América Hispânica, e quilombismo, no Brasil, iniciados logo após a chegada dos primeiros negros na América. Em um sentido restrito, Negritude - com N maiúsculo - refere-se a um momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo como um movimento que pretendia reverter o

sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo (BERND, 1988, p. 20).

A Negritude, seja como órgão político-cultural ou enquanto desafio em se aperceber negro em meio a um projeto social que pretende a homogeneidade, tem o propósito de promover políticas a fim de traçar um perfil positivo da pessoa negra, enaltecer sua trajetória e enfatizar a memória ancestral.

A Literatura Afro-brasileira origina-se dessa objeção, da insatisfação em detrimento da ausência do homem negro enquanto protagonista do seu próprio discurso, determinando-se:

[...] por certo modo negro de ver e sentir o mundo e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto nos dos símbolos, pelo empenho que legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder à desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia (BERND, 1988, p. 22).

Assim fez Solano Trindade tomando a palavra escrita para contrapor depoimentos de ódio, na busca de uma cultura de paz, igualdade e justiça. Não seria equivocado fazermos uma leitura ideológica de seus poemas, pois o próprio poeta apresenta-se enquanto esse sujeito político-ideológico. Contudo, sua luta não era contra pessoas, mas se prontificava a combater o sistema que as corrompiam e em defesa própria, oprimiam os seus pares:

Não faremos lutas de raças, porém ensinaremos aos nossos irmãos negros que não há raça superior nem inferior, e o que faz distinguir uns dos outros é o desenvolvimento cultural. São anseios legítimos, a que ninguém de boa fé poderá recusar cooperação (TRINDADE, 1981, p. 15).

Estamos a falar de opúsculos escritos no século XX, num período em que ocorreram muitas transformações no Brasil, principalmente a partir da segunda metade deste século, com a burguesia abalada pelos trâmites da nova economia e a austeridade política, subsidiada pela ditadura. Apesar de escritos no século passado, têm como pauta assuntos bem atuais, a exemplo do cenário político brasileiro.

2. Corporalidades

AMAR PARA SOBREVIVER

Para Cyleia

Amar para sobreviver
Para não morrer de angústia
De solidão
De ciúmes
De desejo...

Amar não só o pedaço de carne
Sexo belo quente
Amar com alma
Com arte com pureza
Com dignidade...

(TRINDADE, 2011, p. 33).

267

Apropriando-se da palavra escrita, Solano Trindade não se continha em discutir, apenas, as dificuldades enfrentadas pela população negro-brasileira no que tange à questão socioeconômica: ele também sabia da necessidade de falar como era trabalhado e concebido socialmente o corpo do homem não-branco.

Depreendendo que a pele negra estava relacionada à pobreza e a privação de beleza, havia um esforço, em sua produção literária, para que os estereótipos fossem revisados, ou seja, tinha-se como ponto estratégico reverter o quadro de preconceitos e dar espaço para que estas pessoas pudessem, naquele contexto, orgulhar-se da cor de sua pele.

Falar sobre a representação do corpo pressupõe argumentos estéticos e parte para um ato político de enaltecimento cultural, de um legado que foi posto à margem pelas oligarquias vigentes. Os padrões, como até hoje permanecem, acabam por ditar o considerado adequado, por fim, aceito, e o que deve ser desconsiderado por não está dentro das normas estabelecidas. As dominações são muitas, as mesmas não afetam apenas o palpável, mas atacam a intimidade de homens e mulheres.

A busca pela permanência do *status quo*, mesmo nos dias atuais, supera o bem-estar coletivo. Encontramos em cena o modismo padrão na esfera musical, das vestimentas, da beleza, no meio literário, dispensando quem pensa diferente, sem dar importância para os que não usufruem dos mesmos ideais.

Segundo Braga (2015, p.21), no entanto, “[atualmente] assistimos à ressignificação [...], partindo do momento em que o negro deixa de ser refém de uma identidade branca para se afirmar enquanto tal.” A mesma autora pontua também que as políticas de identidade promovidas pelos movimentos negros contribuem para a valorização da estética negra. Ou seja, existe um movimento que, além de ser político, ideológico e cultural, também legitima-se pela valorização do corpo negro e pela busca de sua desestereotipação.

2.1 O corpo negro enquanto materialidade discursiva

É preciso confrontar discursos que se alimentaram e, até hoje, se sustentam de convenções homogêneas e mediadas por uma única linha de pensamento. O pensamento único é invasivo, constitui-se em abdicar-se do que não conflui aos seus critérios.

Em meio à cultura e questões políticas o corpo não é fator imparcial, tem sua dimensão discursiva, acerca dessa proposição Simone Hashiguti (2007, p. 02) menciona:

O corpo é, em muitas disciplinas, tomado como biológico, natural, segmentável, controlável e transparente, mas na perspectiva discursiva, ele se desloca para o lugar da opacidade, revelando-se como forma material que se constitui no/pelo olhar que o discurso possibilita. Um corpo pode ser bonito, obeso, magro, normal ou estranho a partir do olhar. O olhar aqui não é a capacidade da visão, mas o gesto de interpretação opticamente possível no discurso. Na inter-relação pessoal entre sujeitos, a identificação social é um processo que se relaciona à sua condição corpórea, ao fato de que ele é sujeito de/em uma corporalidade e que essa corporalidade é apreendida pelo olhar mesmo antes que ele fale. Essa anterioridade da materialidade corpórea determina direções de sentidos, pois o olhar é sempre olhar pelo discurso.

Para a pesquisadora Simone Hashiguti, o corpo tem sua dimensão biofisiológica, todavia não podemos descartar a questão política à qual o mesmo está condicionado. O que estamos discutindo propõe um entendimento de que o corpo não se restringe apenas ao que é palpável, carrega uma exposição mais intensa, representa um local de discurso.

269

Portanto, o corpo não é só uma estrutura biológica, física, uma junção de membros. Os olhos representam, o cabelo tem sua intencionalidade, os lábios são vestígios de uma população e de seus descendentes.

A partir daí surgem as corporalidades que se materializam no discurso verbalizado ou visual, presente nas vestimentas, nas artes, nos cosméticos, na alimentação, na dança, no diálogo cotidiano, nos próprios costumes e através dos próprios mecanismos de resistência.

A memória também comporta-se como ação de materialização do corpo; quando localizada no plano da consciência atribui um poder de formação sobre o mesmo a partir do momento que é exposta causa impacto na construção do ouvinte, de quem a percebe.

Os espaços geográficos e suas dimensões são formados com base nestas corporalidades, e isso também pode ser conferido nos próprios enredos das narrativas ficcionais. Encontramos corpos que podem ser definidos e representados pelos contextos por onde transitam. Sob uma concepção mais contemporânea Deleuze e Guattari registram:

O que há por toda a parte são mais máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p.07).

Assim sendo, temos uma reprodução daquilo que é partilhado. E isso ocorre por via de qualquer estrutura pela qual perpassa a origem da humanidade, principalmente no contexto contemporâneo em que vivemos. Apesar de nós, seres humanos, distinguidos dos outros animais, principalmente, pela capacidade de reflexão crítica, por vezes, não dispomos dessa habilidade tão necessária para as relações interpessoais. Ofuscamos-nos desta capacidade de entender o nosso espaço e de conhecer as experiências dos outros agentes sociais.

Deleuze e Guattari(2004) comparam nosso corpo a uma usina, pois não paramos de produzir, mesmo que seja inconscientemente. Somos máquinas acopladas a outras como nós e deixamos, por onde transitamos, os nossos fluxos. Ao considerarmos legítimo que somos fluxo material, ratificamos nossa discussão, em momento anterior, acerca das corporalidades enquanto dispositivos condicionados à sociedade.

Ao mesmo tempo em que somos uma engrenagem em movimento de expansão, por vezes engolindo outras, sobrepondo-nos a outras pessoas e coisas, com nossos anseios colocados sempre em primeiro plano, também somos considerados como menores dentro da máquina maior (sociedade); sendo esta a regente, também somos corpos desejanter.

Se não nos desligarmos dos meios externos que não nos convêm, não daremos intensidade à nossa própria existência; caso contrário, ao invés de máquinas revolucionárias, seremos entorpecidas e o nosso desejo continuará sendo manipulado por fatores externos, pelas forças de opressão. De acordo com o nosso entendimento, Solano Trindade assumiu seu papel de agente revolucionário e materializou através do seu discurso poético as aspirações de seus pares. Analisemos o poema a seguir:

MULATA

Mulata tu és solução
Pro meu problema de cor
(Pela branca sou “caído”
Pela negra sou “morrido”,
De amor).

E tu mulata
Nem branca, nem preta, és,
De negro,
Tens n’alma macumba
No corpo batuque,
Do branco,
Poesia no olhar “molengo”
No falar “dengo”
Da mistura,
O riso faceiro,
O andar “brasileiro”,
Mulata ritmo
Mulata rumba,
Mulata fox,
Mulata maracatu,
Mulata frevo,
Mulata samba,
Mulata lundu,
Mulata Vênus,
Mulata lemanjá,
Mulata feitiço

De obatalá...
Mulata mundo,
Unidade racial
Mulata vida,
Mulata universal.

Lembras o Nilo,
E os cantares de Salomão

És um pouco África,
Um pouco de cada continente

Um pouco de cada povo,
Um pouco de cada gente

Lembra Alabama,
Harlem,
Havana,
Bahia,
Lembras este mundo novo
Que a mistura de raças criou

(TRINDADE, 2011, p. 43-44).

Os primeiros versos do poema “Mulata” demonstram uma crítica à farsante discriminação racial do Brasil. Provocam uma discussão sobre a ideia de minimização de melanina do corpo negro e, com isso, uma suposta ascensão e aceitabilidade social. Faz-nos referência ao mito da democracia racial aludida no século XX, a qual enfatizava a inexistência de racismo no Brasil.

A obra *Casa-grande e Senzala*(1933), de Gilberto Freyre, discute essa “igualdade de cor”, considerando as terras brasileiras enquanto um território de justiça étnica, posição que vem sendo desmistificada, dentre outros, pelo antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga (2010, p. 169), afirmando que essa mítica teoria faz parte da educação brasileira.

272

Munanga, a partir de suas pesquisas, avalia a existência de um preconceito velado no Brasil. As hostilidades apresentam-se camufladas, poucas vezes são diretas, comprovadas quando, em determinados ambientes, não há frequência da circulação de negros ou esta não é recorrente. Este é um dos tantos exemplos discriminatórios mencionados pelo autor. A própria escola, por vezes, é reprodutora desses discursos, ratificando que as teorias raciais elencadas no século XIX, ainda estão presentes no cotidiano de muitos brasileiros. Percebemos um tom irônico, presente nos versos, quando é citado que a mestiçagem é solução para os problemas.

Para Munanga a mestiçagem é uma forma de desterritorializar o negro, provocar um conflito identitário e deixá-lo a mercê de posicionamentos prontos por não-negros.

Na segunda estrofe temos versos que mostram o corpo como um conjunto de significações. O corpo-discurso materializa a memória africana reconhecida na manifestação religiosa, na dança que apetece o “corpo-batuque”.

Contudo, neste mesmo espaço corpóreo, também existem as metamorfoses que ilustram a dinamização cultural. As fronteiras identitárias são marcadas pela hibridização de aspectos representativos das duas civilizações (africana e europeia). Delineia que é a partir dessa junção que surge o Brasil, representado pela mulata.

Esse corpo-terra foi criado por forças divinas, abençoado por Obatalá, divindade suprema na hierarquia dos deuses na mitologia yoruba. Nas estrofes subsequentes encontramos versos que expõem a necessidade de analisarmos a sociedade não sob uma ótica de distopia, mas de integração. “És um pouco África, / Um pouco de cada continente / Um pouco de cada povo, / Um pouco de cada gente.”

2.2 Negruras e afetividade

A afetividade também foi um aspecto trabalhado na poética trindadiana. Ao contrário do imaginário atribuído ao sujeito negro (instintivo, passional e movido pelo impulso do desejo carnal e da paixão frenética) em algumas obras que ganharam ênfase, Trindade atribui o afeto como característica dos afrodescendentes.

Os resquícios de uma identidade animalizada, propagados no período colonial, ainda subsistem, por vezes tramados para ressaltar uma sociedade que deseja a retomada da segregação racial e o agenciamento do poder elitista,

colocando as minorias - não só a comunidade negra, mas todas as categorias oprimidas - situadas sob as ordens de um sistema de manipulação biopolítico².

Com o fim da escravidão, as formas de coerções têm sido justificadas pelo Estado através de circunstâncias ambientais, da higiene, da alimentação, da criação de novas tecnologias, da moda. Alegando, através de discursos racionais, da ciência, a necessidade de cumprir as novas regulações implantadas, dando um caráter de melhoria social, retornando ao controle do corpo alheio, por este estar mergulhado no campo político:

as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica: é numa boa proporção como força de produção, que o corpo é investido por relações de poder e de dominação (FOUCAULT, 2000, p. 25)

Retornando aos poemas de Solano Trindade, encontramos o amor enquanto temática de suas produções, aludindo a dialética do afeto para a construção de uma sociedade firmada na convivência harmônica de seus sujeitos:

AMOR, AMOR, SEMPRE AMOR

Quando um amor no peito morre
Outro amor no peito nasce
Coração de poeta é terra boa
Para plantar o amor.

Não existe amor passado
Todo amor é presente

Quem nasceu para amar
Vive amando todo dia
Hoje ama a Josefa
Amanhã ama a Maria
Mas tem amor todo o dia.

² O biopoder surge no final do século XIX e início do século XX. Uma outra forma de soberania é estruturada. A exemplo disso, sabemos que o escravismo se constrói como um regime diretamente ligado ao indivíduo, ou seja, determinava ordens sobre a pessoa negra, conduzindo sua vida e morte. A biopolítica, conforme Foucault (1975), é a prática disciplinar em massa. Com ela, tem-se o controle de uma população e, por vezes, justificada racionalmente.

Todo o amor é de agora...
Não existe amor futuro

(TRINDADE, 1981, p. 55).

O título deste poema enfatiza a intenção proposta por sua autoria. Em cada linha o vocábulo “amor” é repetido ou temos a presença de palavras que se configuram no mesmo campo semântico, a exemplo de coração.

Os primeiros versos expõem que não podemos ter tempo para provocar desarmonias ou preencher o nosso dia-a-dia com o desengano ocorrido da solidão. A hostilidade não é uma via propícia para manter bons relacionamentos e a função de poeta é referida como um instrumento de propagação de afetos.

Verbos de ação são incorporados para ressaltar uma relação próxima entre o sentir e o fazer, pois, as palavras ganham intensidade quando são acompanhadas com atos de empatia e solidariedade. Nietzsche (1886) declarou que as ações realizadas por amor estão sempre além do bem e do mal; desse modo, é preciso manter uma abertura para o respeito mútuo, caso não haja uma flexibilização em relação às necessidades e experiências alheias estaremos expurgando o existir de realidades promotoras, também, do desenvolvimento social. O poema a seguir ratifica as nossas análises:

AMAR É UMA CONSTANTE EM MIM

À Amiga Laura (1967)

Amar é uma constante em mim
Tive o passado firmado no amor
O meu presente é uma afirmação de amor
O meu futuro será baseado no amor.

Nunca amei as coisas
Não amo as coisas
Não amarei as coisas.

O ser humano é a minha bandeira
Esta é a minha arte.

Outras vezes cantei
Não espero ser amado
O que me interessa é amar
Amar com intensidade
Invariavelmente.

O meu amor não está limitado ao tempo
É ao espaço
Tem um sentido estético
É eterno
É mais que um beijo
É mais que uma cópula
É mais que um desejo
É uma vontade permanente de amar.

Foi o canto da minha adolescência
Foi a música de minha felicidade
É o ritmo da minha velhice

(TRINDADE, 1981, p. 82).

“Amar é uma constante em mim” é uma declaração de vida do poeta. Com traços confessionais o eu-lírico apresenta a sua prática de vida, tomando os três tempos verbais para salientar inerência, definida no amor.

A poesia trindadiana demonstra vocação para o amor e ausência de apego material (“Nunca amei as coisas/ Não amo as coisas/ Não amarei as coisas/ O ser humano é a minha bandeira/ Esta é a minha arte.”). Entretanto, o contexto social promove o desfavorecimento do potencial humano e sua coisificação. Percebemos o desenvolver de “relações fluidas” (Bauman, 1999), já que as perspectivas de mudanças acontecem de maneira acelerada, reforçando um traço temporário e frágil das relações, pois estas não conseguem se sustentar por estarem atreladas, principalmente, às diretrizes da globalização e seus avanços, causando a ideia de movimento sem a precisão de sair do lugar.

A liquidez causa estranheza para o eu-lírico, reafirmando o amor não como uma ação esporádica, mas como uma obrigação diária. Essa sensação de vazio e isolamento sobrepõe o estado debilitado em que Solano Trindade se encontrava, sua saúde estava comprometida, com isso se sentia improdutivo:

EU PRECISO MUITO AMAR

Eu preciso muito amar
Para não morrer de tédio
Eu preciso muito amar
Para que a velhice
Não desgaste a minha'lma
E eu continue poetando
Como se eu fosse jovem

As amadas coloridas
E platônicas
Em tempo de amor suave
Deixam o hálito de seu corpo
A alegria de viver
Que eu tanto preciso
Para construir a mensagem
Da exaltação à vida...

Vinde amadas no tempo e no espaço
Que minha cabeleira
Veste o branco da experiência
E minha voz fica no ritmo
Justo e equilibrado
Da evolução...

Eu tenho uma bandeira
Que eu carrego sem peso
Para sobreviver cantando
Sem tristeza do passado
Orgulhoso do que fiz
Na esperança de receber uma flor
Para enfeitar a minha existência

(TRINDADE, 1981, p. 93).

A maior parte dos poemas que falam sobre o amor Solano Trindade escreveu já no fim de sua vida, a inquietude provocada pelas limitações que assolavam o seu corpo, abatido pela idade, o deixavam vulnerável à tristeza. Pensava no abandono de pessoas idosas que não recebiam visitas e apoio de seus familiares, e o quanto sofriam por estarem impossibilitados pelas condições particulares das quais estavam sujeitos:

Ser ignorado e esquecido provoca o sentimento de abandono, o idoso sente-se desvalorizado e excluído, se já não bastassem as dores físicas que normalmente fazem parte da rotina dos mesmos, há a dor da perda de seus afetos, a dor que culmina a alma, a dor que não tem remédio (BERTOLIN; VIECILI, 2014, p. 339).

De acordo com a citação acima, quando não se demonstra inclusão e despreza os mais experientes por não acompanhar o ritmo da juventude, é provocado um mal-estar ainda maior, por se estar negando a existência de toda uma trajetória de luta e entrega. Muitos idosos perecem em leitos de hospitais e casas de acolhimento por não terem os seus afetos.

Desse modo, o tempo deixa de ser um aliado e o amadurecimento uma conquista e passa a ser encarado com medo, as ressalvas surgem pelas expectativas frustradas do mau acolhimento. No poema “Eu preciso muito amar” encontramos um reclame inerente à realidade de pessoas que passam pelo abandono dos seus familiares, amores e amigos:

EU PRECISO MUITO AMAR

Eu preciso muito amar
Para não morrer de tédio
Eu preciso muito amar
Para que a velhice
Não desgaste a minha'lma
E eu continue poetando
Como se eu fosse jovem

As amadas coloridas
E platônicas
Em tempo de amor suave
Deixam o hálito de seu corpo
A alegria de viver
Que eu tanto preciso
Para construir a mensagem
Da exaltação à vida...

(TRINDADE, 1981, p. 93).

Nesses versos percebemos a angústia do poeta em chegar num momento de sua vida que não consiga mais conduzir seus projetos, dando espaço à ojeriza das emoções produzidas pela circunstância em depender de outras forças. As expressões “velhice” e “jovem” aparecem em natureza oposta, ao invés de serem detalhadas enquanto estágios complementares da vida humana, portanto, necessárias para completude de um indivíduo, são aplicadas em contraposição.

A incompatibilidade desses dois momentos (juventude x velhice) é intencionalmente reverberada pelo auxílio de termos como desgaste, tédio, morrer e poetar, este último elucida uma saúde estabilizada, logo, útil à sociedade. Essa ideia vai sendo reproduzida nos versos posteriores.

Conforme algumas pesquisas e as investigações realizadas por Silva (2017) a maioria das pessoas que passam por esse agravante são homens e mulheres negros (pretos/pardos pobres), expostos à solidão e a falta de atendimento. Essa situação é fruto da ausência de políticas públicas promovidas e executadas pelo Estado, como também, a não problematização, na base educativa, sobre como as pessoas idosas ou não sadias precisam ser recepcionadas perante a sociedade.

Apesar de termos estudos que sistematizam o envelhecimento dos brasileiros e as condições intrínsecas a vivência dos idosos, ainda não há projetos articulados para atender o coletivo. O envelhecimento da população negra, de forma geral, ainda não está contemplado com o avanço da medicalização e a inserção das tecnologias na saúde. É certo que o Brasil tem evoluído no projeto de longevidade populacional, aproximando-se, nesse aspecto, de países desenvolvidos atentos à saúde de seu público, entretanto, a comunidade brasileira ainda encontra-se fragmentada, a causa racial e de classe ainda são razões que precisam ser integralmente debatidas, pois o contexto é formado por grupos com vantagens e acesso à saúde e outros que ainda não foram emancipados das influências da política que governa para um grupo seletivo.

A trajetória de vida de Solano Trindade antecede a década de 80, período em que a Constituição Federal foi revista e promulgada nos moldes da sociedade brasileira, destacando-se por ser produto do processo de redemocratização político-cultural, sabendo que o Estado atravessou um momento conturbado sob a regência do controle militar.

Os direitos à preservação da vida e acessibilidade dos idosos são garantidos em muitos artigos do corpo de leis que normatizam o território brasileiro, contudo, vale-nos considerar que estas regras são aplicadas em sentido parcial, considerando a desigualdade e atos discriminatórios sobrepostos no cotidiano brasileiro.

A população afrodescendente e idosa se antes sofria com a falta de acompanhamento das instituições governamentais, com as novas adesões começou a ser inclusa nas ações cívicas. No entanto, a aplicabilidade de leis e a revisão do cenário político não foram suficientes para que a demanda conservadora aderisse à inserção de indivíduos, historicamente marcado pela exclusão social, em seu meio. Apenas no ano de 2003, o Estatuto do Idoso veio a ser estabelecido, sancionado pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

De acordo com Renato Veras e Martha Oliveira (2018, p. 1932), o envelhecimento tem suas particularidades, os idosos são acometidos por múltiplas circunstâncias, as doenças crônicas despontam, o custo de vida aumenta e o apoio financeiro dado pelo governo não condiz com a realidade de sobrevivência atual.

3 Considerações finais

Solano Trindade é símbolo de resistência para a comunidade negra, agente propagador da cultura popular. Sua busca pela inserção do negro na sociedade não lhe rendeu troféus, fama e, tampouco, dinheiro. Contudo, possibilitou, mediante as circunstâncias que lhes foram cabíveis, a exposição de reclames para que seus pares vivessem dignamente.

Suas obras não ganharam a repercussão nacional devida, não estão eternizadas pelo cânone. Na verdade, uma parcela considerável da população

brasileira não o conhece, não o lê, despercebe a poesia “simples como a vida”; decerto, é furtada pela falta de leituras aplicadas sobre autores considerados menores nos saraus poéticos e nas aulas de literatura das repartições educacionais formais que têm um currículo conservador, geralmente dirigidos de/para a população branca e hétero-normativa. Ou seja, os autores afro-brasileiros geralmente não são promovidos nas instituições de ensino como poderiam ser.

O espaço acadêmico, os movimentos e as organizações político-ideológicas destinados à divulgação das produções artísticas e às experiências do público negro têm sido cruciais para a propagação de materiais da cultura africana e afro-brasileira. A partir desses meios é possível ter acesso a outros discursos e analisar episódios da historiografia brasileira e seus sujeitos que vêm, historicamente, sendo alvo do lapso governamental.

Esta pesquisa não só nos põe ao encontro de uma literatura à margem do cânone, mas relativiza um diálogo sobre como está configurada a sociedade brasileira a questões de classe e raça. Isso demonstra a necessidade de incorporar políticas públicas que atendam a todos sem discrepâncias. Da mesma forma, intentamos mostrar a desconstrução do sujeito negro animalizado a partir da perspectiva corpóreo-afetiva de Solano Trindade.

A conjuntura social contemporânea nos exige observar as práticas que se puseram incólumes no decorrer da historiografia nacional, acenando para existências ludibriadas por protagonistas do efeito binário: dominante/dominado.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Ed. Zahar, 1999.

BERND, Zilá. *O que é Negritude?* São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERTOLIN, Giuliana; VIECILI, Mariza. Abandono Afetivo do Idoso: Reparação Civil ao Ato de (não) Amar? *Revista Eletrônica de Iniciação Científica*. Itajaí, Centro de Ciências Sociais e Jurídicas da UNIVALI. v. 5, n.1, p. 338-360, 1º Trimestre de 2014. Disponível em: <<https://www.univali.br/graduacao/direito-itajai/publicacoes/revista-de-iniciacao-cientifica-ricc/edicoes/Lists/Artigos/Attachments/996/Arquivo%2018.pdf>> - ISSN 2236-5044. Acesso em: 10 Abr. 2019.

BRAGA, Amanda. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos: Edufscar, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O anti Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvin, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. “Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica.” *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Ed. São Paulo: Global, 1933.

HASHIGUTI, Simone. *O corpo como materialidade do discurso*. III Seminário de Estudos em Análise do Discurso: O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/SimoneHashiguti.pdf>> Acesso em: 10 Abr. 2019.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada*. Angola: Edições Mulemba; Portugal: Edições Pedagogo, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. *Cadernos Penesb*, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010.

NASCIMENTO, Abdias do. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: GRD, 1968.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal - Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 31*. 3ª edição. Editora Escala, 2011.

SILVA, Alexandre da. *Determinantes da incapacidade funcional de idosos da cidade de São Paulona perspectiva étnico-racial*. 2017. 79f. Tese (Doutorado

em Ciências). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TRINDADE, Solano. *Cantares ao meu povo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TRINDADE, Solano. *Canto Negro*. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. *Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 1929-1936, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n6/1413-8123-csc-23-06-1929.pdf>> Acesso em 24 Jul. 2019.

Recebido em: 26 de julho de 2019.
Aprovado em: 25 de outubro de 2019.